

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## TRADIÇÕES PORTUGUESAS DE ORIGEM POSSIVELMENTE MUÇULMANA.

LIMA, J. A. Pires de

Ano: 1922 | Número: 32

---

### Como citar este documento:

LIMA, J. A. Pires de, Tradições portuguesas de origem possivelmente muçulmana.  
*Revista de Guimarães*, 32 (1) Jan.-Mar. 1922, p. 27-33.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães  
E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.  
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# TRADIÇÕES PORTUGUESAS DE ORIGEM POSSIVELMENTE MUÇULMANA

POR

J. A. PIRES DE LIMA

Professor da Faculdade de Medicina do Pôrto

---

A religião muçulmana, prègada por Maomé em princípios do século VII da nossa era, teve tão rápida e tão ampla expansão que, cem anos depois, a Península Hispânica era invadida pelos Sarracenos. O território que hoje constitui Portugal esteve 500 anos sob o seu domínio, e só no fim do século XV, após a conquista de Granada, é que o poderio muçulmano acabou de vez na Península.

Durante êsse longo período, Cristãos e Mouros não estavam completamente separados. Em território do califado viviam numerosos Mosárabes, mantendo a sua crença cristã; muitas vezes se celebraram alianças entre chefes cristãos e mouros, e, depois da reconquista, muitos Muçulmanos ficaram vivendo ao lado dos Cristãos, conservando as suas crenças e costumes.

No povo português, mesmo nas mais humildes camadas, persistem vivas tradições relativas aos Mouros.

O elemento sarraceno tem considerável importância na constituição do povo português. Teem-se estudado os vestígios da língua árabe no nosso vocabulário, mas parece-me que não se teem confrontado devidamente as lendas e as superstições portuguesas com as dos nossos vizinhos de Marrocos.

Pela leitura que fiz do Alcorão, convenci-me que o Islamismo exerceu no povo português uma influência maior do que geralmente se supõe.

Neste trabalho vou comparar certas lendas e tradições portuguesas com passagens semelhantes do Livro Santo dos Árabes. Parece-me que, ao menos algumas daquelas, deverão ter sido criadas por influência islâmica.

I — *Auxílio celeste em batalhas* — No período heróico da nossa história, por vezes o êxito dos combates era atribuído a um auxílio do Céu. A batalha do Salado (1340) terminou por uma tão espantosa derrota dos Muçulmanos, que alguns historiadores levaram o caso à conta de milagre. Pedro de Mariz <sup>(1)</sup> recolhe a versão de terem morrido duzentos ou até quatrocentos mil infieis, ao passo que, da parte dos Cristãos, apenas haveria vinte e cinco mortes. O facto dar-se-ia, refere Mariz, «porque afirmáraõ logo os Mouros, que contra elles se mostrou vencedora huma grande companhia de homens divinos, fazendo nelles muito estrago, em favor dos christãos.»

A análoga intervenção se attribuíra já a tomada de Alcácer (1217). Da emocionante narração de Herculano <sup>(2)</sup> transcrevo os seguintes períodos: «O reflexo metallico das armas e armaduras ia bater nos olhos dos infieis e dava ao pequeno exercito português uma apparencia que lhe accrescentava as dimensões. Ou fosse effeito do mesmo reflexo dos ferros pulidos e dos dourados escudos que multiplicavam a torrente da luz oriental ou fosse o excitamento religioso, capaz de hallucinar ainda outra vez os espiritos, os combatentes, ao travarem-se com os mussulmanos, creram ver no ar um tropel de cavalleiros vestidos como os templarios que tambem feriam os inimigos.»

«Perseguidos por espaço de dez milhas pelos christãos, tres dias durou a carnificina, e dous walis, o de Cordova e o de Jaen, ficaram entre os mortos. O calculo que destes se fez montava de quatorze a quinze mil, afóra um sem numero de prisioneiros, os quaes,

<sup>(1)</sup> *Pedro de Mariz* — Dialogo de varia historia, I, Lisboa M.DCC.XLIX.

<sup>(2)</sup> *A. Herculano* — Historia de Portugal — Septima edição, 1915, T. IV, pág. 90 e 91.

ou para lisongear seus senhores ou para se desculparem perante a propria consciencia de tão vergonhosa róta, ouvindo falar do auxilio dado aos christãos pelos cavalleiros acrios, asseveraram tê-los igualmente visto e experimentado a sua furia, o que não podia deixar de fortalecer a fé viva da soldadesca na decisiva protecção divina.»

Este auxilio divino à expansão do Reino de Portugal é deveras comparável ao que receberia Maomé na batalha de Bedr, contra os Coreichitas (624); em socorro da nascente religião enviou Deus um exército de anjos, conduzidos pelo Anjo Gabriel <sup>(1)</sup>.

II — *Oração antes do combate* — Ao romper a batalha de Bedr <sup>(2)</sup>, Maomé estava numa cabana dirigindo preces fervorosas a Deus. Só quando a acção se generalizou, é que o Profeta saíu da cabana, juntando-se às tropas, que venceram o inimigo.

E' parecida a attitude de Maomé com a do nosso Santo Condestável na batalha de Valverde.

Diz a crónica <sup>(3)</sup>: «e elle se pos em giolhos antre huías pedras a resar e a louuar a Deos como era seu costume. E estando asy rezâdo porq as pedras e as setas eram muytas q vinhã da parte dos castellaãos toda a gente sua lhe braadava que fizesse andar por diate sua bandeira nõ os leixasse asy morrer: e ajnda da reguarda veeo a elle Gõçalleaõs d'Abreu que em ella hya cõ o priol do Spitrall a lhe pidyr por mercee que fizesse andar a bandeyra que a gente nom podia mays sofrer. A todas estas cousas o Condeestabre nom respondya: nê nenhũa mudãça ante mostrava o mayor assego do mûdo: e sem nenhuũ cuydado: e todavia entento em rezar e louuar a Deos. E tanto q acabou de rezar: logo rrijamente se aleuanteu donde estaua em giolhos com geesto muy ledo. E mandou logo a Diego Gill seu alferez que andasse com a bandeyra e

<sup>(1)</sup> Le Koran — trad. nouv. faite sur le texte arabe par Kasmirski, Paris 1873 — pág. XVIII; III, 11 e nota 2; III, 118-121 e nota; 13/ nota 2; VIII, 6 nota 2, e 9; IX, 26.

<sup>(2)</sup> *Idem.*

<sup>(3)</sup> Chronica do Condestabre de Portugal Dom Nuno Alvares Pereira, ed. de Mendes dos Remedios, Coimbra 1911 — Cap. LIV.

aas gentes dabêgarda que andasse rriigamente. E elle foy sempre ante a bandeyra».

III — *O Monge e o Passarinho* — Muito divulgada está na nossa literatura a graciosa lenda — «O Monge e o Passarinho», de que tiraram tanto partido, entre outros, o P.<sup>e</sup> Manuel Bernardes e recentemente Eugénio de Castro e Correia de Oliveira.

Sôbre a origem dessa lenda apareceram, não há muito, dois eruditos estudos, dos Srs. Professores Leite de Vasconcelos <sup>(1)</sup> e José J. Nunes <sup>(2)</sup>. Enquanto que êste último a considera de origem medieval, o Sr. Prof. L. de Vasconcelos julga-a derivada da «Lenda dos Sete Dormentes», attribuindo-lhe uma filiação muito mais remota, e dizendo que ela nasceu «entre os seccos areas dos desertos da Asia».

Ambos os trabalhos são abonados em rica bibliografia que, aliás, não é completa. Não vejo em qualquer dêsses trabalhos citada a poesia de Wolfgang Müller (*O Monge de Heisterbach*), nem a versão sueca mencionada no *Magasin Pittoresque* de 1852, pág. 177.

Também nenhum daqueles illustres investigadores cita o Alcorão, que em mais de uma passagem se refere aos Sete Dormentes, ou a outras lendas semelhantes <sup>(3)</sup>. O capítulo XVIII do livro sagrado dos Muçulmanos intitula-se «A Caverna», por se referir ao lugar onde estacionaram os Sete dormentes de Êfeso.

Acêrca dêsse longo e misterioso sono foi um dia interrogado Maomé, que prometeu responder no dia seguinte. Deixou, porém, de dizer — «se Deus quiser!» — Como castigo por êste esquecimento, a revelação fêz-se esperar alguns dias. E' por isso que o Alcorão (XVIII, 23) aconselha — «Nunca digas — Farei tal coisa amanhã, — sem acrescentar: — se fôr vontade de Deus.» —

E' curioso confrontar êste passo com o modo de

<sup>(1)</sup> *Leite de Vasconcelos* — Poesia e Ethnographia (*Revista Lusitana*, VIII, 1903-1905).

<sup>(2)</sup> *José Joaquim Nunes* — Uma lenda medieval — O Monge e o passarinho (Academia das Sciências de Lisboa — *Boletim da Segunda Classe*, XII, 1919).

<sup>(3)</sup> Alcorão, ed. cit., II, 201; IX, 30, nota 3; XVIII, *passim*.

falar da gente do Minho. Conheço muitas pessoas, profundamente crentes, que nunca anunciam qualquer acto que tenham de praticar, por mais banal que seja, sem acrescentarem: "Se Deus quiser...". Uma simples despedida — "Até logo, até amanhã, até outra vez," é invariavelmente seguida da frase: "Se Deus quiser...".

IV — *Dama pé-de-cabra* — Ao Nobiliário do Conde D. Pedro foi Herculano buscar os principais elementos para elaboração da sua lenda da Dama pé-de-cabra. Como já tive ensejo de dizer <sup>(1)</sup>, encontrei uma variante manuscrita dessa lenda. E' a história de Maria Alva, que vivia numa torre que existiu na vila de Marialva. Era uma mulher "muito fermosa e tinha pés de cabra, e chamava os homés e dormia có elles e despois os láçava em hú poço porq' lhe naó desco-brissé os defeitos dos pés. E entrando hú a embebedou, e lhe tomou hú anel e se veo có elle e mostrando o aos guardas o deixaráo sahir (porq' lhes tinha ella dado ordé q' não deixassem sahir senáo qué lhe mostrasse o d.º anel). E achando ella o anel menos sahio sobre as ameaas e lhe disse

Já tu lá vas?  
De q' agora te ires gabar?

E elle respondeo

a quantos eu vir e achar.

e ella lhe disse

Pois olha p.ª tras  
q' de mim verás  
mas pezar

E se lançou da Torre abaixo e morreu."

<sup>(1)</sup> J. A. Pires de Lima — A Ectrodactilia na lenda (*Arq. de História da Medicina Portuguesa*, N.º 3 de 1919).

Segundo se depreende do Alcorão <sup>(1)</sup>, a Rainha de Sabá seria recebida por Salomão num palácio com pavimento de cristal. Quando a Rainha entrou, levantou os vestidos, para evitar que elles se molhassem, pois supôs que o aposento estava inundado de água. Foi por meio dêste artil que Salomão verificou que as suas pernas não eram de cabra, como constava.

Esta lenda é assim belamente expressa por Eugénio de Castro <sup>(2)</sup>: «Foi para a sala do norte, cujo pavimento é de prata polida, e mandou chamar Belkiss. Assim que esta appareceu, o Rei olhou para o chão e, em vez de dois pés caprinos, de feiticeira, viu dois pés de pisar flores, espelhados no chão...»

V — *As Têmporas de Santa Luzia* — O povo do Minho acredita que, no fim do mês de Dezembro, se pode fazer um prognóstico do estado do tempo no futuro ano. As «Sortes» ou «Têmporas de Santa Luzia» tiram-se dêste modo: — Verifica-se no dia 13 de Dezembro qual o estado do tempo; assim como êle estiver, sêco, húmido ou ventoso, assim correrá o mês de Janeiro do ano seguinte. O estado meteorológico do dia 14 de Dezembro anunciará o tempo de Fevereiro, e assim por diante até ao dia 24 de Dezembro, cujo estado atmosférico indicará o mês de Dezembro do novo ano <sup>(3)</sup>.

Esta superstição está muito arreigada no povo do Minho. Conheço um proprietário que não se esquece de anotar todos os anos o estado do tempo nas «Têmporas de Santa Luzia». Por sinal que no último ano agrícola sofreu uma decepção muito grande, porque, fiado no prognóstico, orientou de tal modo a sementeira do milho, que teve considerável prejuízo.

Não terá esta crença popular origem muçulmana?

Na noite de 23 para 24 de Ramadan ficará determinado tudo quanto há-de acontecer no ano seguin-

(1) Ed. cit., XXVII, 44 e Nota 2.

(2) *Eugenio de Castro* — Belkiss, Rainha de Sabá, d'Axum e do Hymiar.

(3) *A. C. Pires de Lima* — Tradições populares de Santo Tirso, 2.<sup>a</sup> Série (*Revista Lusitana*, XX).

te <sup>(1)</sup>: foi nessa noite, chamada de Alkadr, que o Alcorão foi revelado a Maomé.

Na noite de Alkadr os anjos e o Espírito (Gabriel) descem ao mundo com permissão de Deus, a fim de regular todas as coisas. Reina a paz nesta noite até ao romper da aurora.

Pôrto, 2 — XI — 1921.

---

<sup>(1)</sup> Alcorão, ed. cit., XLIV, 2, 3 e nota 5; XCVII, 1 a 5 e Nota 4.